

# Memórias de uma vida na docência

Renata Lúcia Magalhães de Oliveira

2021-05-17



# Contents

	<b>5</b>
<b>1 Origens...</b>	<b>7</b>
<b>2 Escolhas profissionais e caminhos acadêmicos</b>	<b>13</b>
2.1 Graduação . . . . .	13
2.2 Pós-Graduação . . . . .	16
2.3 O nascimento de uma pesquisadora . . . . .	20
2.4 Atuação como docente em Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu . . . . .	20
2.5 Prêmios e homenagens . . . . .	22
2.6 Atividades e Projetos de Pesquisa . . . . .	23
2.7 Internacionalização . . . . .	23
2.8 Atividades e projetos de Extensão . . . . .	24
<b>3 Eu e CEFET</b>	<b>25</b>
<b>4 Assuntos do coração</b>	<b>31</b>
<b>5 Para onde quero ir...</b>	<b>33</b>
5.1 Docência . . . . .	34



## **Sobre mim....**

Atualmente sou professora associada do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, onde leciono geografia aplicada às Ciências Sociais, geografia de transportes, análise urbana, análise de dados para gestão e cursos de logística e logística urbana desde 2006. Após concluir meu doutorado em Geografia em 2016, tenho me envolvido em pesquisa com foco em planejamento orientado à acessibilidade, Transporte de Cargas Urbanas e análise espacial aplicada. Sou coordenadora do grupo de pesquisa PLACES - PLANEJAMENTO para ACcESs, membro da Rede de Pesquisa Inteligente em Mobilidade Urbana e Acessibilidade (NIUMAR) e da Rede de Estudos Organizacionais, Sociedade e Subjetividade (NOSS).

Meu currículo está disponível em:

- Lattes
- Orcid
- Google Scholar
- CV

E podemos conversar ou trabalhar juntos. Encontre-me em , , e

## **Sobre esse documento...**

Este documento tem como objetivo apresentar os principais eventos, êxitos, frustrações, escolhas e caminhos trilhados por mim na construção de uma carreira como docente. Espero que gostem!

Este documento foi construído com o , , e bookdown.



# Chapter 1

## Origens...

Nasci em 1979 (1.1), em uma família de classe média típica da época que batalhava para conquistar a ascensão social por meio da educação. Minha mãe, *Maria Lúcia Magalhães de Oliveira*, era técnica em química e, quando grávida de mim, graduara em Engenharia Mecânica no CEFET-MG. Posso dizer que minha relação com essa instituição começou quando eu ainda estava sendo gestada e que nossos caminhos voltaram a se relacionar mais tarde. Meu pai, *Odimar José de Oliveira*, era administrador de empresas (1.2). Não tenho irmãos (de sangue), mas ao longo da vida tenho acumulado grandes amigas cujo amor fraterno é tão grande, ou até maior, do que aquele entre irmãos nascidos de pais comuns. Não vou listar esses amigas nominalmente, pois corro o risco de deixar alguém de fora, mas saibam que moram no meu .

Meus pais trabalhavam em tempo integral e eu ficava sob cuidados da minha avó *Gecy de Oliveira Magalhães* (1.3) e de funcionárias domésticas. Minha avó foi uma das pessoas mais importantes na construção do meu caráter, da minha personalidade e da minha essência. Infelizmente ela não se encontra mais neste plano terreno, mas com certeza preenche um pedaço enorme do meu coração. Naquela época a educação era um efetivo caminho para o acesso a oportunidades. Meus pais se esforçaram para pagar mensalidades de escola particular, cursos complementares de língua, datilografia, artes. Estudei no Colégio Santa Doroteia<sup>1</sup>. Naquele contexto, era a melhor educação formal que os pais poderiam proporcionar aos filhos. Ainda considerando a educação como instrumento de transformação, meus pais viabilizaram que eu me tornasse proficiente em língua inglesa e em datilografia<sup>2</sup>.

Sempre foi uma estudante dedicada e preocupada com o desempenho acadêmico, sem, no entanto, considerar que o êxito acadêmico no sistema de ensino tradicional revelaria algo sobre mim ou me colocaria em posição diferente dos meus

---

<sup>1</sup>Escola confessional católica tradicional de Belo Horizonte Site

<sup>2</sup>Materializando as quatro décadas da minha existência .



Figure 1.1: Pequena Renata



Figure 1.2: Lúcia, Odimar e Renata



Figure 1.3: Gecy e Renata

coleges e amiges. Entretanto, até o início da adolescência, sempre fui bastante introspectiva e tímida.

Dos 4 aos 16 anos nadei, nadei, nadei.... e estudei , sendo a repetição das palavras um *proxy* da intensidade dessas atividades na minha rotina. Ao longo da adolescência fui descobrindo novas maneiras de me relacionar com as pessoas, o que foi muito positivo também nos caminhos que construí para a vida profissional.

Aos 16 anos me aventurei na primeira experiência internacional. Morei como estudante de *High School* por 6 meses nos Estados Unidos, no estado **Idaho**<sup>3</sup>. Foi uma experiência maravilhosa. Em meados da década 1990, a internet era um advento tecnológico disponível apenas em centros acadêmicos e as ligações telefônicas tinham preços proibitivos! Nossa principal meio de comunicação era o correio convencional e a troca de cartas.

Quando retornei desse período de intercâmbio, ...<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup>Não se preocupe se nunca ouviu falar. É realmente um lugar conhecido apenas por suas batatas maravilhosas !

<sup>4</sup>Minha trajetória como docente é apresentada nos próximos episódios.



## Chapter 2

# Escolhas profissionais e caminhos acadêmicos

### 2.1 Graduação

O mundo do trabalho sempre esteve presente na minha vida. Seja por conta das atividades profissionais que meus pais exerciam ou seja pela minha vontade, a partir da adolescência, de ser independente. O trabalho se mostrou como parte natural da minha vida muito cedo, mas não por necessidade. A condição financeira da minha família foi determinante no meu **acesso** à educação e, caso fosse meu desejo, poderia deixar para ingressar no mundo do trabalho mais tarde. Entretanto, apesar da minha insegurança em relação às minhas competências, a vontade

E claro, a docência fez parte desse mundo desde o início. Minha primeira atividade profissional foi como professora de inglês. Quando retornei de um intercâmbio nos Estados Unidos aos 16 anos, comecei a lecionar.

Escolher a profissão é sempre um desafio, especialmente quando somos muito jovens e associamos a perspectiva do trabalho às disciplinas que cursamos ao longo da educação básica. De fato, eu já tinha uma profissão quando precisei preencher o formulário de inscrição para o vestibular com minhas opções de curso universitário.

Durante muitos anos eu fui apaixonada por biologia, mais especificamente por zoologia, mas não poderia dissecar um animal em laboratório. Entretanto, no ensino médio, fiquei apaixonada por química e física. Cheguei a pensar (nem acredito nisso hoje) em cursar física básica no ensino superior. Entretanto, e também devido à influência das escolhas profissionais da minha mãe, considerei as engenharias como o caminho profissional mais alinhado com minha vocação. Hoje acredito que todos temos vocação para quaisquer áreas de conhecimento.

## 14CHAPTER 2. ESCOLHAS PROFISSIONAIS E CAMINHOS ACADÊMICOS

Basta que estejamos motivados.

Dentre as engenharias, a minha primeira opção seria cursar engenharia química; bem intuitivo. Entretanto, quando ingressei na universidade, em 1997, havia uma recessão econômica que limitava bastante as oportunidades de trabalho para engenheiros. Assim, a minha linha de pensamento foi escolher o curso universitário conforme empregabilidade ou possibilidade de exercer a profissão informalmente. Assim, dentre as diversas opções em engenharia, a engenharia civil pareceu mais versátil para que eu pudesse, eventualmente, ter uma fonte de renda, mesmo que informal.

E foi assim. Fiz vestibular para engenharia civil e fui aprovada na FUMEC, PUCMinas e UFMG. Felizmente, ao ser aprovada nas três instituições, pude escolher e comecei, em fevereiro de 1997, o curso de engenharia civil na UFMG.

Instituto de ciências exatas e laboratórios de topografia foram minha casa durante dois anos, que consolidaram o “ciclo básico” das engenharias. Durante esse período eu não consegui explorar a engenharia como profissão. Eram disciplinas nada aplicadas e eu seguia exercendo minha atividade profissional como professora de inglês. Em 1997 consegui uma colocação em uma escola de línguas e, pela primeira vez, tive acesso a um curso de qualificação para exercer o ensino de língua estrangeira. Foi um diferencial naquele momento da minha vida, pois percebi que, apesar de adorar lecionar, havia também muita técnica e processos que potencialmente melhorariam minhas aulas.

Segui lecionando nessa escola por um ano. Após esse período, optei por ministrar aulas particulares e em grupos e consegui manter essa atividade como minha profissão e fonte de renda até o meio do curso de graduação. No sexto período, resolvi investir na minha formação em engenharia e fazer um estágio em uma construtora, para explorar os caminhos que a engenharia civil possibilitava. Fiz estágio em um setor de orçamento de obras e não consegui cumprir meu contrato de seis meses. Pedi desligamento no quinto mês, pois não conseguia me dedicar a fazer as mesmas atividades diariamente durante o mês.

Como meu dia tem apenas 24 horas (às vezes ainda esqueço disso), precisei reduzir minha carga de aulas de inglês e, no sétimo período, consegui uma vaga como bolsista de iniciação científica. O projeto era intitulado “\*\*Mobilidade\*\* Residencial e Sistema de Transporte na Região Metropolitana de Belo Horizonte” e foi desenvolvido no Departamento de Engenharia de Transportes e Geotecnologia sob orientação do professor David José Ahouagi Vaz de Magalhães.

Eu aproveitei bastante a minha vida acadêmica no ensino superior. Explorei algumas das oportunidades oferecidas pela universidade **pública**, me envolvendo em diferentes atividades. participei de diferentes instâncias da representação estudantil: (i) compus diferentes gestões do Grêmio Estudantil da Engenharia Civil; (ii) envolvi-me em projetos do Diretório Acadêmico das engenharias; (iii) representei o corpo discente em reuniões departamentais e em outros colegiados; (iv) aprendi a me posicionar de maneira adversa ao senso comum nos órgãos

colegiados para levar a perspectiva estudiantil para a discussão; (v) aprendi como funcionam os departamentos acadêmicos das universidades em seus bastidores.

Além de cursar Engenharia Civil como apresentei no capítulo referente às escolhas profissionais, no oitavo período desse curso, já colaborando formalmente com o projeto de iniciação científica, resolvi experimentar outro curso de graduação. Intuitivamente pensei em letras, mas entendi que não haveria contribuição direta para a minha formação profissional. Resolvi estudar comércio exterior e fiz um vestibular para uma faculdade particular chamada UNA. Fui aprovada e cursei no período noturno um semestre de comex. Não me adaptei à instituição, ao curso e ao contexto e acabei cursando apenas o primeiro semestre.

No dia 08 de Janeiro de 2002 colei grau como Engenheira Civil da UFMG (2.1).<sup>1</sup>



Figure 2.1: Formanda

---

<sup>1</sup>Deixo para vocês a brincadeira de “onde está Renata” na foto!

## 2.2 Pós-Graduação

Ao final do curso, não tive dúvidas de que precisaria aprofundar meus conhecimentos após ter escolhido a área de engenharia de transportes para atuação. Na graduação, as disciplinas dessa área de conhecimento são abrangentes e têm como objetivo apresentar os grandes tópicos que compõe a engenharia de transportes. Infelizmente, em Belo Horizonte, não havia a possibilidade de realizar um mestrado nessa área. Assim, pesquisei alguns programas, coletei algumas informações sobre como montar um pre-projeto de pesquisa e fiz a inscrição nos programas da USP-São Carlos, da UFRJ e do IME. A inscrição na UFRJ e no IME foi presencial e, naquele momento, me decidi pelo IME. Não por conta essencialmente da qualidade do curso, mas devido à **localização** do IME em relação ao Campus da UFRJ na ilha do função. A **localização** já se manifestava como instrumento de **decisão** na minha vida.

Fui aprovada nos três programas e decidi ir para o Rio de Janeiro, me matriculando no IME. O principal fator para escolha do Rio e não de São Carlos estava relacionado ao coração<sup>2</sup>, e a **distância** entre Belo Horizonte e as respectivas cidades foi decisiva.

Cresci acreditando que as pessoas conseguem conquistas bens materiais e status por meio de esforço e mérito individual. Acreditava que a possibilidade de gerar valor para as empresas era o que diferenciava um bom engenheiro de um mau profissional. Assim, evitando olhar para o público, direcionei o meu projeto de mestrado para o transporte de cargas, entendendo, naquele momento, que estaria isenta de decisões públicas interferindo no meu projeto acadêmico e na minha atividade profissional.

2003 foi um ano meio de mudanças. Mudanças de emprego, de casa e de objetivos. Após cumprir os créditos básicos no IME, resolvi trancar o curso e voltar para Belo Horizonte. Como não consegui ficar sem trabalhar, busquei estágio na empresa-referência em consultoria de transportes em BH naquela época: o grupo Tectran. Bati à porta do escritório da Tectran, com meu singelo currículo embaixo do braço e perguntei se tinham alguma vaga para mim. Acharam estranho essa abordagem, mas coloquei-me à disposição inclusive para estagiar como mestrandona na empresa e me fizeram a proposta de trabalhar como estagiária recebendo remuneração equivalente àquela da bolsa de mestrado da época. Foi maravilhoso. A equipe era acolhedora e, como o grupo ainda era pequeno, tive a oportunidade de colaborar com projetos em diferentes áreas e de, efetivamente, aprender a trabalhar. Penso que essa tenha sido a minha primeira experiência profissional como engenheira e adorei! Adorei não fazer a mesma coisa todos os dias, adorei eventualmente estudar para propor algum caminho metodológico para os projetos e de efetivamente concluir etapas ao longo da vida profissional.

---

<sup>2</sup>Assuntos do coração têm um capítulo especial neste memorial, pois tiveram um papel importante na maior parte das escolhas profissionais e acadêmicas que fiz.

Em 2003, em meio às atividades de consultoria, consegui uma colocação, aos 24 anos, para atuar como professora na Faculdade Novos Horizonte. Apostaram em mim, mesmo

#### Lecionei Logística

Entrei na vale em setembro de 2003 e etapa mais difícil do processo seletivo foi pedir demissão da minha posição de estagiária na Tectran. Tinha aprendido tanto e nutria afeto pelas pessoas e pelo acolhimento recebido. Mas a vida segue e me desligar daquela posição não era fechar portas e sim buscar novas experiências. Quando ao processo seletivo, foram inúmeras etapas e, mais uma vez, contei com minha formação ao longo da vida e entrei no processo de maneira desprestenciosa, por indicação do amigo *Maurício Aguiar*.

Foi curioso que, durante o processo seletivo, passei por dois gerentes gerais na entrevista final. O primeiro a me entrevistar identificou minha inaptidão a rotinas e, portanto, a trabalhar na operação. O que não é rotina na operação ferroviária, é problema! O primeiro gerente a me entrevistar me encaminhou para o segundo e o resultado foi que fui a única “Engenheira Ferroviária” que não estava lotada na Diretoria de Operações. Fui alocada em uma área de estudos operacionais sob a Diretoria de Planejamento. Essa decisão dos gestores foi muito assertiva e alinhada com o meu potencial de contribuição para a empresa.

Assumimos na Vale, eu e meus colegas e amigos Engenheiros Ferroviários, no dia 15 de setembro de 2003. Entramos na primeira edição do programa de trainee “Engenheiro Ferroviário”, cujo objetivo era capacitar jovens talentos para atuar no mercado ferroviário. Por anos não houve investimento em mão de obra para operação e gestão de ferrovias. Assim, fez necessário que as operadoras investissem em qualificação, como ainda é realidade nesse setor.

Foram três meses de aulas e muita aprendizagem. Também, de viagens, companheirismo e construção de novas amizades. Essa capacitação aconteceu em imersão no saudoso Othon Palace Hotel de Belo Horizonte e posteriormente viajamos visitando as diferentes instalações ferroviárias da Vale nas ferrovias Estrada de Ferro Vitória a Minas, Estrada de Ferro Carajás e Ferrovia Centro Atlântica. Felizmente, durante o treinamento, fiquei em casa (assuntos do coração são fortes!) e frequentei as aulas diárias.

#### Análise do Aumento de Confiabilidade das Locomotivas da Rota do Grão a Partir da Implantação do Novo Quadro de Tração da FCA

Aprendemos muito e ao final, fui alocada para desenvolver projetos internos de melhoria, trabalhando com simulação de trens....

Eu respirava engenharia econômica e até restaurantes foram apelido pela equipe como VPL, por apresentarem um ótimo custo-benefício. Aprendi que a qualidade do meu trabalho é diretamente proporcional ao tempo que tenho para fazê-lo. Tive que aprender a controlar a vontade de fazer melhor, pois os prazos não eram flexíveis e a entrega tinha que acontecer. Aprendi também que

## 18CHAPTER 2. ESCOLHAS PROFISSIONAIS E CAMINHOS ACADÊMICOS

uma empresa como a Vale, apesar de permeada de processos decisórios exclusivamente fundamentados em uma disputa de poder de mercado e política, era orientada à remuneração de capital. Que princípios éticos, que a qualidade técnica da engenharia e até mesmo as situações de risco podem ser descartados se remunerarmos o acionista. Eu precisava transformar o resultado de estudos de melhoria operacional em resultado financeiro. “Dá VPL?” Era a pergunta do diretor na decisão de investimento.

Alguns meses depois, houve, durante uma das muitas reestruturações gerenciais, a demanda de um profissional na área de planejamento ferroviário no longo e médio prazos. Essa área era a interface entre as funções comerciais e operacionais da ferrovia e trabalhávamos organizando os fluxos a serem realizados nos horizontes mensal e anual. Foi maravilhoso entender um pouco mais sobre o sistema ferroviário como serviço e me tornar uma das pessoas responsáveis pelo dimensionamento de vagões, locomotivas e o arranjo dos trens com todas as restrições que a ferrovia . Mas o encatamento

Fui responsável pela coordenação de dados obtidos a partir de diferentes ERPs (Enterprise Resource Planning) que eram os sistemas de gestão diferentes para cada ferrovia. Recebia ainda dados das áreas de manutenção de material rodante e via permanente. Consolidando e coordenando as informações, gerávamos um instrumento denominado Book PPC (planejamento, programação e controle) que era um conjunto de planilhas com indicadores de desempenho ferroviários. Aquele documento era encaminhado para toda a Diretoria de Logística visando acompanhamento de metas e resultados, nas diferentes dimensões que eram possíveis

Hoje faço dessa experiência a base para construção do conhecimento em ciência de dados e para que eu consiga apresentar esse conteúdo de forma aplicada para os alunos.

Durante meu período na Vale, de setembro de 2003 a maio de 2005, não consegui coordenar minhas atividades como docente e, portanto, solicitei suspensão do meu contrato na Faculdade Novos Horizontes e fiquei até 2005 vinculada à instituição, mas sem lecionar. Mais uma vez sou grata pela confiança e pela oportunidade de obter experiência na docência no ensino superior.

No mestrado, Modelo Neuro-Fuzzy para Escolha Modal no Transporte de Cargas

Em 2005, após pedir desligamento da Vale, lecionei em faculdades particulares em cursos de administração e como professora substituta de volta ao Departamento de Engenharia de Transportes e Geotecnia da UFMG. As faculdades particulares - FUNCESI - Fundação Uni.... e Novos Horizonte foram oportunidades únicas pois conseguir colocações profissionais sem experiência praticamente inviabiliza a construção de experiências. É o ciclo perverso do início da carreira de qualquer jovem. Nessas universidades lecionei disciplinas relacionadas à gestão das operações e à aplicação de métodos quantitativos, como administração da produção, da qualidade e logística. Essas disciplinas estavam relacionadas com minha formação básica na engenharia civil e minha especialização no mestrado.

Quando fui professora substituta na UFMG, enfrentei um desafio profissional que tinha um peso emocional importante. O professor *Baeta* precisou se aposentar por idade e eu assumiria seu lugar. Ele, como sempre, foi muito solícito ao fazer um processo suave de transição das disciplinas. Entretanto, eu me sentia mal por assumir seu lugar, sendo que ele ainda gostaria de exercer a docência. Ainda, discordava de algumas práticas em sala de aula adotadas por ele quando estudante e queria fazer diferente.

Em 2006, ingressei no CEFET-MG como professora efetiva<sup>3</sup>.

### 2.2.1 Doutorado em Geografia - Tratamento da Informação Espacial

A decisão de cursar o doutorado no programa de Geografia da PUCMinas teve muito coração envolvido. Coração para decidir não buscar programas fora de Belo Horizonte; coração apaixonado pela Geografia; coração batendo fora do peito. Dizem por aí que ser mãe é ter o coração batendo fora do peito. Concordo plenamente!

Decidi começar devagar e conhecer esse campo do conhecimento para entender se havia possibilidade de incrementar minha formação em transportes. Em 2010, com Sofia, minha primeira filha, com 3 meses, me inscrevi na disciplina isolada “Evolução do Pensamento Geográfico”. Existem pessoas que quando passam por nossas vidas deixam marcas indeléveis. Uma delas foi o professor *Oswaldo Bueno Amorim Filho*. Professor Oswaldo conseguiu, com sua capacidade de tecer o raciocínio e coordenar a imensidão conceitual e temporal que são as múltiplas geografias de maneira brilhante. Não tive como não me apaixonar pelas infinitas possibilidades e caminhos epistemológicos, por vezes ontológicos, de explorar fenômenos físicos e humanos. Ali nascia a geógrafa que escreve esse memorial. Isso mesmo: GEÓGRAFA.

No semestre seguinte cursei ....

No final de 2010 participei do processo seletivo do doutorado e ingressei formalmente nesse mundo de novos horizontes e perspectivas. Na escolha do orientador, me encaminharam para um professor bem . Entretanto, optei por buscar um orientador que contribuísse para minha formação como geógrafa, entendendo as implicações dos estudos geográficos e seu desafios. Foi quando conversei com o professor *Alexandre Alves Magno Diniz*. Além de excelente profissional, cuja área de especialização estava alinhada às minhas pretenções de trabalhar com a geografia dos transportes, é uma pessoa humana, gentil e disponível.

Demoramos um bom tempo entre o meu ingresso no programa e a definição da pesquisa. Precisei fazer 48 créditos para poder cumprir o mínimo requisito para a titulação como doutora. Parece muito, mas apesar dos dois anos cursando disciplinas, eu queria até mais.

---

<sup>3</sup>No Episódio 3 apresento minha relação com essa linda instituição que é o CEFET-MG.

## 20CHAPTER 2. ESCOLHAS PROFISSIONAIS E CAMINHOS ACADÊMICOS

No início de 2013 meu marido (mais uma vez a ideia de **reduzir distâncias** predomina nas minhas decisões pessoais, acadêmicas e profissionais) conseguiu uma bolsa de seis meses na Université de Lyon para desenvolver a parte experimental de sua pesquisa. Havia bolsas disponíveis na PUCMinas para doutorado sanduíche e consegui também um programa para que pudéssemos caminhar juntos nessa jornada. No final de junho de 2013 desembarcamos, eu, Patrick, Sofia, João e minha mãe no aeroporto Saint Exupéry. Muita apreensão, novidades e desapegos. Atravessar o Atlântico com um bebê de seis meses e uma criança de 3 anos já seria uma aventura. Atravessa o Atlântico com os pequenos para morar por seis meses era uma enorme aventura com um pouco de loucura. Minha mãe foi conosco para que fosse possível trabalharmos e, ao mesmo tempo, prover cuidados ao João. Sem ela, essa aventura não teria sido possível! Nos acomodamos em um hotel de maneira provisória até que encontrássemos uma moradia para nossa estadia. Mais uma vez, a decisão passou por um equilíbrio entre **distâncias** para que a localização do nosso lar fosse o mais **central** possível em relação aos nossos laboratórios e à vida cotidiana das crianças e de minha mãe. Curiosamente Patrick precisava se deslocar para o extremo nordeste da região de Lyon e eu para o extremo sudeste. Experiências fantásticas foram apreendidas ao viver em uma cidade desconhecida, com desafios locacionais e culturais, mas sem impedâncias para o deslocamento das pessoas. Não precisamos de automóvel individual para exercer nenhuma das funções cotidianas. As estações do metrô, o acesso aos ônibus articulados, a confiabilidade nas tabelas de horários dos sistemas e até mesmo a tarifa eram **acessíveis**. População em situação de vulnerabilidade, famílias com muitos filhos e outros grupos específicos contavam com subsídios públicos proporcionais às suas necessidades. Quem pode mais, paga mais. Quem pode menos, paga menos.

Falar das férias, da forma de trabalhar da simplicidade do modo de vida, do direito à cidade e dos desafios de viver longe.

No dia 20 de agosto de 2015 defendi minha tese de doutorado intitulada "Análise Espacial dos Preços de Produtos Alimentícios no Varejo de Belo Horizonte e sua relação com a renda média da população.

### 2.3 O nascimento de uma pesquisadora

### 2.4 Atuação como docente em Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu

No dia 19/05/2017 formalizei meu credenciamento no Programa de Pós-graduação em Geotecnologia e Transportes (PPGGT) da UFMG. O programa precisava da participação de mais docentes e, caso eu quisesse progredir na minha carreira de pesquisadora, precisaria desse espaço.

A primeira disciplina que lecionei foi *Geografia dos Transportes*. Foi um sonho. Uma energia maravilhosa da turma ao entender condicionantes da engenharia

## 2.4. ATUAÇÃO COMO DOCENTE EM PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU21

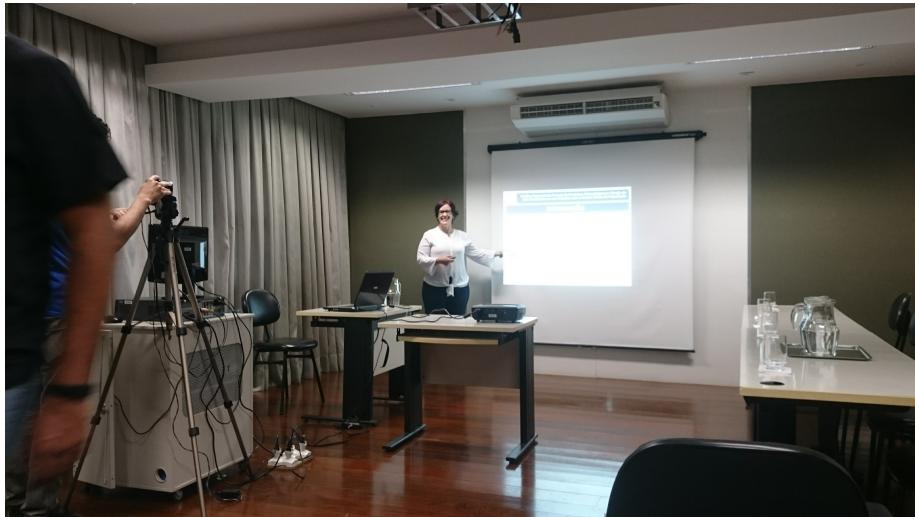


Figure 2.2: Formanda

que estão diretamente relacionadas à localização das atividades, à estrutura morfológica das cidades e regiões,

A atuação na UFMG é muito gratificante. Excelentes estudantes e pesquisadores em formação e autonomia para desenvolvimento dos projetos de pesquisa e dos trabalhos acadêmicos. Entretanto, a UFMG, apesar de ter sido meu berço acadêmico, não é minha casa. É muito difícil manter-me efetivamente colaborativa ao programa com a **distância** institucional. Tentei algumas vezes coordenar os trabalhos de alunos bolsistas de iniciação científica do CEFET-MG com alunos do mestrado PPGGT, mas a **distância** física também era um limitador para essa interação. Talvez, a partir das nossas experiência no contexto remoto, poderemos viabilizar com mais assertividade a estruturação de uma rede de suporte e a coordenação do desenvolvimento dos projetos de pesquisa. Mais uma vez, a **distância** determina minhas escolhas. De forma mais pragmática, atuar no PPGGT é um exercício de desapego, pois apesar de UFMG e CEFET-MG serem duas instituições de ensino superior federais, não há cessão dos docentes para atribuição dos encargos acadêmicos de maneira colaborativa. Assim, para o CEFET-MG, essa atividade no PPGGT torna-se um encargo adicional eletivo para o docente, não sendo contabilizado nas apurações de atividades acadêmicas do docente formalmente. Acredito que ainda tenhamos um longo caminho até que possamos efetivamente entender que sem colaboração, não conseguimos produzir conhecimento.

Em 31/07/2021 encerra-se meu credenciamento no PPGGT. É o fechamento de um longo ciclo de idas e vindas na UFMG. Segue sendo meu berço acadêmico, mas preciso caminhar e o CEFET-MG é uma instituição que precisa do meu trabalho dedicado e que possibilita esse trabalho com uma série de incentivos.

## **22CHAPTER 2. ESCOLHAS PROFISSIONAIS E CAMINHOS ACADÊMICOS**

1. Clarissa Pontes Melo. Análise da macroacessibilidade de pedestres idosos sob a ótica da qualidade do espaço urbano. 2019. Dissertação (Mestrado em Geotecnia e Transportes) - Universidade Federal de Minas Gerais, . Orientador: Renata Lúcia Magalhães de Oliveira.

André Augusto Cunha Libânio. AVALIAÇÃO DA ACESSIBILIDADE EM CIDADES BRASILEIRAS. 2018. Dissertação (Mestrado em Geotecnia e Transportes) - Universidade Federal de Minas Gerais, . Orientador: Renata Lúcia Magalhães de Oliveira.

Paulo Henrique Góes Pinto. Identificação e qualificação de centralidades urbanas por meio de estrutura morfológico-funcional: um estudo de caso para a RMBH. 2018. Dissertação (Mestrado em Geotecnia e Transportes) - Universidade Federal de Minas Gerais, . Orientador: Renata Lúcia Magalhães de Oliveira.

José Moreira Gonçalves. Atração de Viagens de Carga em Indústria Automobilística de Máquinas Agrícolas e Rodoviárias. 2017. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Transportes) - Universidade Federal de Minas Gerais, . Orientador: Renata Lúcia Magalhães de Oliveira.

Gabriela Pereira Lopes. Uma Análise da Localização de Instalações Logísticas versus Geração de Viagens e os Impactos na mobilidade urbana em Belo Horizonte. 2016. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Transportes) - Universidade Federal de Minas Gerais, . Coorientador: Renata Lúcia Magalhães de Oliveira.

Em 2020 credenciei-me no Programa de Pós-Graduação em Administração do CEFET-MG.

Tenho enormes dificuldades com caixinhas

### **2.5 Prêmios e homenagens**

Recebi alguns prêmios ao longo da minha carreira:

- Um dos 12 melhores artigos apresentados no PLURIS 2018 (Congresso Luso-Brasileiro para o Planejamento Urbano, Regional, Integrado e Sustentável), contemplado com a publicação na Revista Portuguesa de Estudos Regionais.
- Melhor monografia

Como docente, recebi oito homenagens de alunos formandos dos cursos técnico em Transportes e Trânsito e Engenharia de Produção Civil do CEFET-MG, do curso de Administração da Fundação Comunitária de Ensino Superior de Itabira - FUNCESI e do curso de Administração da Faculdade Novos Horizontes.

## 2.6 Atividades e Projetos de Pesquisa

Em 2017, em parceria com a profa. Leise Kelly da UFMG,

Comunicação e fomento à discussão por meio da organização do I Fórum de Logística Urbana, em parceria com a UFMG e com a UFT.

Como pesquisadora, também tenho colaborado com diferentes periódicos, nacionais e internacionais, como revisora ad hoc. Dentre eles, a revista Transportes, IEEE Access, Sustainable Cities and Society, Research in Transportation Economics, Transportation Research Record e Urban Rail Transit. Hoje faço parte do corpo editorial das revistas Caderno de geografia e da Revista Brasileira de Transportes.

Tenho participado de bancas de avaliação de trabalhos de conclusão de Doutorado, Mestrado, Especialização e graduação. O escopo geográfico dessa participação é bastante amplo, destacando o Programa de Pós-Graduação em Modelagem Matemática e Computacional do CEFET-MG, o curso de engenharia civil da UFT, o programa de pós-graduação em Engenharia de Transportes da UFC, o curso de engenharia de produção da UFSCar - Sorocaba,

Alguns dos projetos de pesquisa que tenho trabalhado com preocupação:

o desenvolvimento de modelos de geração de viagens referentes às instalações logísticas na Região Metropolitana de Belo Horizonte; local de armazenagem em Belo Horizonte e na Região Metropolitana de São Paulo, no que diz respeito aos aspectos morfológicos e funcionais da cidade; a análise das mudanças temporais e espaciais relativas à distribuição das instalações logísticas nas áreas metropolitanas; modelagem espacial do transporte urbano de carga em cidades de médio porte e cidades históricas; avaliação da localização potencial de uma rede de pontos de coleta em Belo Horizonte; e planejamento orientado à acessibilidade para promover a equidade considerando o acesso às funções urbanas e a estrutura morfológica das cidades. Acabo de concluir uma pesquisa de pós-doutorado com a Cátedra de Logística da Cidade e sob a orientação da Professora Dra. Laetitia Dablanc. Minha função como pesquisadora de pós-doutorado foi investigar as mudanças de localização dos armazéns em diferentes áreas metropolitanas e sua relação com a estrutura urbana e as práticas do mercado imobiliário.

## 2.7 Internacionalização

Tenho investido bastante no processo de internacionalização das minhas atividades como pesquisadora. Desde 2015 tenho participado de conferências no exterior e de redes de pesquisa.

City Logistics NIUMAR

O processo de internacionalização também precisa de caminhos para que seja possível instituir parcerias não só de pesquisa, mas também de ensino. Nesse

## 24CHAPTER 2. ESCOLHAS PROFISSIONAIS E CAMINHOS ACADÊMICOS

contexto, tenho participado das iniciativas institucionais de formação dos docentes em English as a medium of instruction, concluindo um capacitação de 40 horas em julho de 2020.

Em outubro de 2020 iniciei uma atividade de pesquisa em parceria com a Logistics City Chair por meio de uma oportunidade de Pós-doutorado remoto. O projeto foi intitulado e teve duração de 5 meses, estando em fase de conclusão. Université Gustave Eiffel, UGE, França.

Redução de desigualdades por meio do Planejamento da Acessibilidade e da Mobilidade na Urbe Sustentável Soluções de logística urbana Análise espacial aplicada a problemas urbanos

### 2.8 Atividades e projetos de Extensão

Descrição: O Instituto de Atenção às Cidades - IAC, da UFT, por meio da Fundação de Apoio Científico e Tecnológico do Tocantins ? FAPTO está desenvolvendo o projeto ?Plano de Mobilidade Urbana Sustentável de Paraíso do Tocantins?, proveniente de parceria firmada entre a UFT e a Secretaria de Infraestrutura e Serviços Públicos da Prefeitura Municipal de Paraíso do Tocantins. O objetivo desse plano é definir ações estratégicas para se alcançar o cenário de mobilidade urbana desejado para a cidade, em conformidade com a Política Nacional de Mobilidade Urbana. A docente Renata Lúcia Magalhães de Oliveira foi convidada para colaborar com esse projeto no desenvolvimento de estudos urbanos orientados à acessibilidade para inclusão desse paradigma no diagnóstico e propostas de intervenções. Posteriormente, tendo sido identificados os indicadores de avaliação da acessibilidade urbana e do sistema de mobilidade, a docente dará suporte técnico ao desenvolvimento de um plano de monitoramento que ajude a identificar as mudanças provenientes das intervenções propostas. A participação da docente faz-se necessária frente à proposta de implementação do paradigma de planejamento orientado à acessibilidade, na qual é especialista, como instrumento de promoção de justiça social no planejamento da cidade visando a promoção de acesso às oportunidades de maneira equitativa..

## Chapter 3

### Eu e CEFET

No final de 2005 recebi um email da professora *Heloísa Maria Barbosa* do Departamento de Engenharia de Transportes e Geotecnica da UFMG. Ela escreveu para me informar sobre um concurso que estava para ser realizado no CEFET-MG, para a área de transportes. Eram duas vagas e fiz inscrição despretenciosamente, pois a bibliografia para o concurso era muito orientada à engenharia de tráfego. Decidi não me preparar para o concurso, pois o prazo era exígido e eu não conseguia me organizar para estudar. Apostei na ideia de que somos preparados ao longo da formação acadêmica. E deu certo! Fiz a prova teórica, fiquei em segunda colocação depois de escrever mais de 20 laudas. Entreguei a documentação e sorteiei meu tema para a prova didática: Projetos Viários. Heloísa era um dos membros da banca e tinha sido minha professora desse conteúdo especificamente. Como eu poderia ministrar uma aula para minha professora de um assunto que ela me ensinara e sobre o qual eu não tinha me especializado?

Resolvi concentrar meus esforços na organização pedagógica da aula, elaborando um plano de aula estruturado e destacando muito mais a proposta do que o conteúdo. Naquele momento eu já tinha alguns anos de experiência como professora, apesar de nenhuma qualificação formal docente. Acho que a aula foi boa, pois fui aprovada para uma das vagas e, no dia 10 de fevereiro de 2006, tomei posse.

Ingressei no CEFET-MG na coordenação de curso técnico em Transporte e trânsito. Não éramos um departamento. Éramos duas coordenações de curso que contemplavam o técnico em Transportes e Trânsito e o técnico em Estradas cada uma. Tudo era novidade. Desde a ideia de lecionar para adolescentes (eu me sentia e até hoje me sinto adolescente), até a estrutura de uma Instituição de Ensino pública. Prontamente recebi o cargo de coordenação de laboratórios dos cursos, o que me proporcionou uma aprendizagem rápida sobre como funcionava a gestão institucional, os processos de compras e pregões, a gestão da demanda por insumos labororiais. Há alguns anos não via um aparelho de Casagrande (confesso que precisei pesquisar o nome para escrevê-lo aqui!) e

precisei reaprender um pouco daquele universo da geotecnia e conhecer implementações em asfaltos, infra e superestrutura viária. Por meio dessa atuação como coordenadora de laboratório conheci muitas pessoas na instituição. Conheci a estrutura organizacional. Naquela época ainda havia pouca formalização dos processos institucionais e, portanto, as relações pessoais eram essenciais para que os processos fossem executados. Não havia digitalização dos meios de formalização das demandas e dos posicionamentos institucionais e pouca alocação de recursos humanos dedicados às funções administrativas. Nós, coordenadores, éramos responsáveis por redigir atas, memorandos, distribuir documentos fisicamente pelo campus. Confesso que essa pessoalidade e a morosidade na condução dos processos administrativos me incomodaram bastante, e tudo o que pude “digitalizar” dentro da coordenação, o fiz.

Logo passei a ser coordenadora do curso de Estradas e em seguida de Transportes e Trânsito. Exerci alguma função de coordenação até 2009, quando gozei licença maternidade. Dentre as atividades administrativas que já exercei, a coordenação de cursos é a mais interessante. Ela contempla a participação ativa em órgãos colegiados responsáveis pelas discussões pedagógicas e curriculares. Aprendi muito sobre como funcionam as referências curriculares nacionais para o ensino profissional e tecnológica e como são base para a construção da estrutura dos cursos técnicos. Discuti institucionalmente e construi argumentações para o MEC com foco na necessidade de adequação do curso técnico em Transportes e Trânsito ao Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (e vice-versa). Fiz inúmeras reuniões com estudantes e familiares na busca de soluções para as dificuldades familiares e pessoais em relação à instituição.

Como docente, nesse período entre 2006 e 2016<sup>1</sup>, lecionei essencialmente nos cursos técnicos da coordenação que tornou-se Departamento de Engenharia de **Transportes** a partir da implementação do curso de Engenharia de **Transportes**. Ministrei, de maneira consistente, as disciplinas “Gerenciamento de Transportes de Carga”, “Operação de Transportes de Cargas”, “Políticas e Planejamento de Transportes” e “Administração” para os cursos técnicos.

Em 2008 elaboramos e implementamos a reestruturação dos cursos técnicos integrados, e as disciplinas tornaram-se anuais, com alteração da estrutura curricular dos cursos. As disciplinas dos cursos técnicos na modalidade concomitância externa e subsequente (quando o estudante não cursa o ensino médio de maneira integrada ao ensino profissionalizante) eram ofertadas no turno noturno e a estrutura curricular não sofreu alterações importantes. Entretanto, para os cursos intergados diurnos (ensino médio profissionalizante), as disciplinas que passei a ministrar foram denominadas “Logística”, “Transporte de Cargas Eventualmente ministrei algumas disciplinas para a Engenharia de Produção Civil, como ”Distribuição Física de Produtos e Layout” e “Logística”.

Em novembro de 2009 deixei as funções de coordenação de cursos/laboratórios

---

<sup>1</sup>Houve períodos de licença maternidade em 2009 e 2012 e o período de licença para capacitação entre 2011 e 2014 nesse período.

para ser mãe. Imersa na licença maternidade, me ausentei de todas as atividades profissionais e acadêmicas. Naquele ano, antes da licença, participei da comissão de reestruturação do projeto político-pedagógico do curso de Engenharia de Transportes, que foi aprovado institucionalmente em 2012 (3.1). Era um projeto muito especial, especialmente por se tratar de mais uma oferta de cursos de engenharia gratuitos noturnos, se consolidando como uma síntese dessa área de conhecimento na formação de profissionais e num processo de inclusão devido ao acesso a estudantes que precisam trabalhar.



Figure 3.1: Engenharia

Retornando da licença em 2010, já estava cursando disciplinas isoladas no programa de geografia da PucMinas e conciliei as atividades acadêmicas e administrativas até que, em 2011, gozei de licença para capacitação. Além de todo investimento público na minha formação acadêmica a partir do ensino superior, o CEFET\_MG foi muito importante na continuidade da minha formação. A instituição efetivamente investe na qualificação do capital humano. Observei licença de 3,5 anos e fomento financeiro para pagamento das mensalidades do doutorado.

Como os assuntos do coração permeiam toda minha vida profissional e acadêmica<sup>2</sup>, engravidei do João em 2012, ainda cursando disciplinas do doutorado. João nasceu em dezembro daquele ano e, seis meses depois, embarcávamos para um período de doutorado-sanduíche na França. Não fiquei imersa na maternidade durante a licença após o nascimento do João, pois vivia novos desafios acadêmicos<sup>3</sup>.

Em 2015, apesar de ainda estar em fase de conclusão da minha tese de doutorado, retorno às atividades no CEFET-MG. Assumi a sub-coordenação da Engenharia de Transportes já com um arranjo para que eu me tornasse coordenadora assim que o doutorado fosse concluído; e assim foi feito.

Em 20 de agosto de 2015 defendi o doutorado e assumir a coordenação de Engenharia de Transportes. 2015 e 2016 foram anos de muito trabalho, pois o curso estava em implementação. Como coordenadora, além das atribuições da rotina normatização do colegiado, fui responsável:

- pela revisão de pré e correquisitos da matriz curricular do curso, em alinhamento com a equalização de disciplinas da instituição;
- pela regulamentação do colegiado do curso de graduação em Engenharia de Transportes;
- pela instituição de critérios para classificação de candidatos a vagas remanescentes para obtenção de novo título;
- pela regulamentação do núcleo docente estruturante do curso de graduação em Engenharia de Transportes;
- pelas atividades de acompanhamento de estágios curriculares do curso de graduação em Engenharia de Transportes;
- pela coordenação do início das discussões sobre um currículo mínimo e as habilidades profissionais entre os cursos de Engenharia de transportes e mobilidade do país. O CEFET-MG sediou a primeira reunião dos representantes dos cursos.

Participei ainda da construção do regulamento para os trabalhos de conclusão de curso para o curso de graduação em Engenharia de Transportes e de todo o processo de organização para recebermos o MEC em sua visita de reconhecimento do curso. Após a visita no final de 2019, o curso recebeu nota máxima em seu reconhecimento!

De 2017 a 2019, além daquelas ministradas nos cursos técnicos, lecionei as seguintes disciplinas para o curso de engenharia de transportes:

---

<sup>2</sup>E eu adoro uma aventura: coordenar o doutorado com mais um filhote a caminho. Confesso que os filhotes são maravilhosos, mas a limitação cognitiva hormonal durante a gravidez e o puerpério são um pouco restritivas!

<sup>3</sup>Toda mãe merece um segundo filho; tudo é mais leve e gostoso. Aprendemos que bebês são uma fortaleza e os seres mais adaptáveis e resilientes do mundo.

- Introdução à engenharia de transportes;
- Tópicos especiais: Geografia dos Transportes;
- Logística Urbana;
- Orientação de estágio supervisionado;
- Trabalho de conclusão de curso I;
- Trabalho de conclusão de curso II;
- Gestão do transporte de cargas;
- Planejamento ferroviário.

Ministrar a disciplina “Introdução à Engenharia de Transportes” foi muito especial. Primeiro, por ser a disciplina responsável por apresentar essa área de conhecimento de forma integrada para os estudantes. Segundo, porque o doutorado em Geografia me fez entender a necessidade do contexto social, econômico, político, ambiental, cultural, histórico e locacional para que possamos entender quaisquer processos naturais ou sociais. Assim, para essa disciplina, precisei:

- fazer uma discussão dos caminhos da humanidade nas construções tecnológicas (Harari, 2015; Bazzo and Pereira, Luiz, 2013);
- explorar a história da engenharia e os contextos para que essa área de conhecimento começasse a ser construída (Svinicki and McKeachie, 2013; Schnaid et al., 2006; Élmar Filho, 2019; Bazzo and Pereira, Luiz, 2013);
- discutir com os estudantes fundamentos geográficos como a interação espacial em diferentes escalas e formas, impulsionou os adventos tecnológicos na construção histórica e geográfica dos sistemas de transportes (Hoyle et al., 1992; Blunden, 1971; Taaffe and Gauthier, 1973; Bavoux, 2005; Hanson and Giuliano, 2004; Shallat et al., 2010);
- discutir os fundamentos tecnológicos das tecnologias de transporte.

Em 2020, comecei uma jornada renovadora no CEFET-MG. Mudei de departamento e fui para o Departamento de Ciências Sociais Aplicadas<sup>4</sup>.

No meu primeiro semestre no DCSA, precisei lecionar a disciplina Gestão da Qualidade. Havia 15 anos que não lecionava esse conteúdo e muito havia mudado na minha maneira de ver o mundo organizacional, social e o papel da docência nesse contexto. Confesso que Gestão da Qualidade não seria minha, de longe, minha primeira opção. Vasculhei o documento das vezes em que ministrei essa disciplina e verifiquei que não conseguiria aproveitar nada do que havia produzido anteriormente.

Penso que podemos ministrar qualquer conteúdo sob diferentes perspectivas. Em 2005, quando lecionei Gestão da Qualidade, tive uma abordagem positivista

---

<sup>4</sup>Tudo novo de novo! Adoro!

da disciplina, apresentando ferramentas e funcionalidades para os estudantes. É usualmente a proposta dos livros-texto. Entretanto, em 2020, meu esforço ao ministrar essa disciplina foi fazer uma análise crítica da Gestão da Qualidade considerando:

- a cronologia dos conceitos e como foram incrementalmente sendo alterados;
- a função organizacional privada e os desafios contemporâneos relativos à responsabilidade social e ambiental;
- o repensar do papel da padronização de processos em um contexto de 4a revolução industrial em que máquinas são responsáveis por processos decisórios e as competências mais demandadas dos profissionais são a criatividade, a capacidade de colaboração, a empatia, a flexibilidade, a capacidade de comunicação, o pensamento crítico, a liderança, a iniciativa de antever situações que podem ser inadequadas ao processo de produção.

Foi muito interessante explorar discussões mais conceituais sobre os processos de produção do que apenas instrumentalizar os estudantes e explorar essa proposta em pleno ensino remoto por conta da pandemia SARS-CoV-2.

Optativa

Mestrado

Logística

Considerando funções administrativas institucionais, já participei e participo de diferentes comissões temporárias e permanentes, como:

- Comitê de Ética em Pesquisa CEP/CEFET-MG;
- Câmaras Temáticas da Comissão de Iniciação;
- Participação em Bancas Examinadoras do Concurso Público de Provas e Títulos para provimento de cargas da carreira de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico;
- Participação em bancas examinadoras de processo seletivo simplificado para professores substitutos/temporários;
- Outras comissões temporárias;
- Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Administração<sup>5</sup>;
- Colegiado do curso de graduação em Administração<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup>Eleita para 2021-2023

<sup>6</sup>Eleita para 2021-2023

## **Chapter 4**

# **Assuntos do coração**

Essa seção merece um documento exclusivo. É a seção mais deliciosa deste memorial! Apesar de toda sua importância, vou apenas fazer uma linha do tempo com algumas fotos para aquecer o coração!

20/05/2001 - Primeiro dia juntos! 30/05/2001 - Começamos a namorar!

Namoro, Casamento, filhos...

Namoro Morar junto e vida de gente grande



## Chapter 5

### Para onde quero ir...

A materinidade vem carregada de demandas, desafios e incertezas. Nossa vida muda tanto que não conseguimos nos lembrar como éramos antes e o que fazíamos com o tempo que nos sobrava. Seria intuitivo pensar que mães são menos produtivas ou que o mundo do trabalho pode ser menos importante após o nascimento dos filhos. Discordo desse pensamento que, por vezes, domina nossa sociedade e acaba norteando algumas políticas públicas e corporativas.

Quando minha primeira filha nasceu, nasceu uma nova Renata. Uma Renata mais atenta ao mundo e mais responsável com seu entorno. Nasceu a Renata que queria mudar o mundo! Sei que esse memorial é profissional, mas não consigo dissociar os papéis sociais que exerço da minha emoção e dos meus sentimentos. A Renata-mãe, aos 30 anos, acreditava que conseguiria mudar o mundo. Tornou-se mais rebelde às instituições, mais crítica e produtiva. Foi um momento da minha vida muito significativo na transformação permanente que vivemos.

Ainda, quando nasce uma mãe, nasce uma nova oportunidade de aprender. Experimentar as descobertas, o desenvolvimento cognitivo, a aprendizagem de um ser humano, é mágico! Penso que não há teoria ou ações de capacitação suficientes no mundo para superar o quanto tenho aprendido sobre aprendizagem e comportamento humano. Sofia e João, MUITO OBRIGADA!

A vida é cheia de mudanças e escolhas. Cada escolha que fazemos impacta quem está no nosso **entorno** e aqueles que encontram-se muito **distantes** de nós. Chegar à minha quarta década de vida tem sido um experiência diferente daquelas vividas anteriormente. Aos 30, pensamos muito mais no resultado material e imediato do trabalho que desenvolvemos do que no singelo incremento potencial que cada nova investigação pode trazer. Aos 30, pensamos que podemos mudar o mundo. Aos 40, já temos certeza que não mudaremos o mundo, mas que podemos trabalhar para promover o questionamento, a reflexão e a discussão, para eliminar a dicotomia das argumentações, e para que, aos poucos, possamos ver mudanças nas pequenas escolhas cotidianas que fazemos e que as

pessoas **próximas** fazem. Entendo que **próximos** são aqueles que dividem o coração conosco, mesmo que **distantes** em termos geográficos.

Jane Jacobs, Jan Gehl e Lefebvre.

## 5.1 Docência

Hoje penso que temos inúmeras perspectivas para explorar o mundo, os fenômenos naturais, sociais e suas interações. Há algum tempo, tenho entendido a minha responsabilidade como docente de me posicionar como aquele ator no processo educacional que conduz o estudante à reflexão. Sinto-me como uma curadora de instrumentos que promovam o pensamento crítico de forma coordenada e incremental.

Edgar Morin Complexidade

Educação transdisciplinar e integral

Difusão de conhecimento e transferência tecnológica

Extensão PET Recentemente fui convidada para assumir a função de co-tutora do Programa de Educação Tutorial da Administração (PET-adm). É uma equipe muito engajada e responsável. Os alunos são muito autônomos e os projetos devem contemplar os eixos ensino, pesquisa e extensão. Apesar da minha recente transição de docente para docente-pesquisadora, penso que a extensão tenha uma importância muito grande no contexto brasileiro.

Em trocas recentes com laboratórios internacionais, percebi que não existe distinção entre atividades de pesquisa e extensão como há no Brasil. Pelo contrário, a difusão do conhecimento e a transferência tecnológica, em alguma dimensão, fazem parte da pesquisa científica.

Outro aspecto que tem me chamado a atenção após meu ingresso no Departamento de Ciências Sociais Aplicadas e no Programa de Pós-Graduação em Administração no CEFET-MG, tem sido a distinção epistemológica entre pesquisa na Administração. Nossa área de concentração é denominada Existe uma linha positivista e funcionalista, que entende os processos de gestão

A difusão de conhecimento deve começar entre os pares. Tanto no programa da UFMG como no do CEFET, sinto que não há um entendimento coletivo do que cada pesquisador ou grupo desenvolve em seu trabalho acadêmico. O mais comum é não dividirmos sala de aula e não consolidarmos parceria de pesquisa entre os pares. Quero promover seminários acadêmicos que permitam a troca de ideias, experiências, êxitos e frustrações no desenvolvimento da pesquisa. Inicialmente, esses seminários seriam internos, mas com o tempo, podemos expandir para a comunidade do CEFET-MG e, a posteriori, abrir para o público em geral.

Entretanto, essa difusão, por mais interessante que seja, ainda tem a limitação

da linguagem e da abordagem. Não é palatável o suficiente para **reduzir as distâncias** entre o entendimento coletivo e individual de pessoas fora daquele campo de conhecimento e dos especialistas. Vejo um enorme potencial no PET-Adm para o desenvolvimento e implementações que consigam difundir o conhecimento de maneira mais universal e efetivamente promover a transferência tecnológica.



# Bibliography

- Bavoux, J. (2005). *Géographie des transports*. Colin, Paris. OCLC: 61139986.
- Bazzo, W. and Pereira, Luiz, . (2013). *Introdução à Engenharia: Conceitos, Ferramentas e Comportamentos*. Editora UFSC, 4a edition.
- Blunden, W. (1971). *The land-use/transport system*. Pergamon.
- Hanson, S. and Giuliano, G., editors (2004). *The geography of urban transportation*. The Guilford Press, New York, 3rd ed edition.
- Harari, Y. (2015). *Sapiens: a brief history of humankind*. Harper, New York, first u.s. edition edition.
- Hoyle, B., Knowles, R., and Institute of British Geographers, ., editors (1992). *Modern transport geography*. Belhaven Press, London ; New York.
- Schnaid, F., Zaro, M., Timm, M., and Rosa, A., editors (2006). *Ensino de engenharia: do positivismo à construção das mudanças para o século XXI*. UFRGS Editora, Porto Alegre, RS, 1a ed edition.
- Shallat, T., Eberle, D., Burke, L., Boise State University, ., and College of Social Sciences and Public Affairs, . (2010). *Making livable places: transportation, preservation and the limits of growth*. Boise State University, College of Social Sciences and Public Affairs, Boise, Idaho. OCLC: 610214039.
- Svinicki, M. and McKeachie, W. (2013). *Dicas de ensino: estratégias, pesquisa e teoria para professores universitários*. OCLC: 1237566823.
- Taaffe, E. and Gauthier, H. (1973). *Geography of transportation*. Prentice-Hall foundations of economic geography series. Prentice-Hall, Englewood Cliffs, N.J.
- Élmor Filho, G. (2019). *Uma nova sala de aula é possível: Aprendizagem ativa na educação em Engenharia*. LTC.